



O que esperar em Sucot?*

Em sua imensa sabedoria, a Tradição de Israel sabe construir abrigos para guardar pensamentos, histórias, memória e assim identidade. O povo judeu aprendeu a construir abrigos não apenas no Êxodo do Egito a caminho da Terra do Leite e do Mel, mas também na fuga de Roma, das Cruzadas Espanholas, das perseguições czaristas e até do assédio nazista. E assim, no meio de um Império tão poderosamente construído, a prescrição rabínica torna-se cada vez mais essencial: uma vez por ano e durante sete dias em Israel, com três paredes -pelo menos- e um telhado feito de materiais naturais, o sentido de vida para contemplar o céu através do incompleto. As Sucots são o signo de um povo inteiro, que em comemoração ao tempo em que perambulou pelo deserto, marcam simbolicamente o equilíbrio da vida: a felicidade mesmo na fragilidade.

Sucot também inclui uma mensagem profunda para a demografia do povo judeu. Existem quatro espécies: lulav -palmeira-, etrog -cidra-, hadas -ramos-, aravá -salgueiro-. Cada um com sua virtude, sabor ou ausência dele junto com seu aroma ou falta dele. As espécies incluem o tempo que podem durar sem perceber mudanças, mesmo arrancadas de seu caule ou, ao contrário, a sensibilidade para perder rapidamente sua umidade e fisionomia. No entanto, há uma única bênção «aos Netilat Lulav» que os une com um único propósito: embelezar o que foi criado. É disso que se trata, um povo diversificado em crenças, práticas e buscas que devem se sustentar em um virtuosismo único, cada um compartilhando o melhor de si para enriquecer propósitos e significados.

O livro que nos ajuda nos dias de hoje, atribuído por autoria ao rei Salomão, relata a obsessão de Kohelet na busca desse sentido: construções, encontros e aquisições individuais. A cultura do hedonismo numa visão narcísica, que nada mais faz do que imitar a “ vaidade das vaidades”. Nas ideias de Luzzato, caindo na infinitude de nossa busca material sem a possibilidade de elevar a matéria em busca de espiritualidade e sentido. É a busca de adrenalina nos objetos mais do que na interpretação de histórias, na prática de rituais e na contemplação de ciclos. Sucot dá o presente do tempo para ressignificar a existência a partir de sua fragilidade e não ser rotulado nas causas de outras pessoas para encontrar alegria. As satisfações que Kohelet descreve não dependem das circunstâncias, mas da convicção de viver uma vida significativa pela simples disposição para a felicidade.

O que faz uma bela cabana não é a quantidade de metros quadrados, mas sim a vontade de receber os visitantes ali para saber compartilhar. O que torna um ser humano profundamente devoto em Sucot não está ligado às verdades que podem ser gritadas, mas ao silêncio para contemplar a Criação a partir da fragilidade. A beleza da existência humana não se prende a seguranças efêmeras, mas a construir esperança na adversidade. O povo judeu conseguiu construir Templos que foram arrebatados, mas os Sucotes continuam a armar e desarmar, ano após ano, para entender que ninguém é supérfluo e que a construção da esperança deve guiar a história.

Uma simples cabana pode reformular desejos, unir corações, simplificar expectativas, afogar frustrações, aumentar gratidão, unir diferenças, aperfeiçoar histórias, alegrar a vida, reduzir ego, multiplicar mistério, encurtar distâncias entre o Céu e a Terra para cobrir de nuvens de glória um mundo à espera de ser interpretado e melhorado.

* **Rabino Ari Sigal**

Sociólogo e rabino do Círculo Israelita em Santiago, Chile